

IDEIAS & DEBATES

OLHAR QUE DIVERGE...

"A TELEVISÃO BANALIZOU A FILOSOFIA DO DOCUMENTÁRIO"

Anna Glogowski é a nova diretora do DocLisboa. Estudou com Baudrillard, Rouch, Henri Langlois e Gilles Marsolais. Em 1975-76 viveu em Portugal, já ligada à produção de filmes. É grande conhecedora da realidade do documentário e do confronto da sua linguagem com a da televisão

Entrevista António Loja Neves | Fotografia Luis Faustino



O DocLisboa é uma aposta ganha, dando o interesse que vem despertando? Temos que celebrar o trabalho feito anteriormente, em especial pela direção de Sérgio Tréfaut, principal responsável por cativar a massa de espectadores. O DocLisboa [cuja edição 2011 decorre de 20 a 30 de outubro] vem resgatando a filosofia do documentário, banalizada pela televisão, que tam-

bém provocou a sua uniformização. Por isso, temos a tarefa de convencer o público a deslocar-se para ver documentários em sala, confrontando-o com a sua verdadeira linguagem. Em Portugal, podemos aproveitar o 'lado mau' do tratamento que a televisão dá a este género: como quase não há documentários na TV, os festivais são uma oportunidade para poder ver os filmes feitos no país, apesar dos poucos apoios, e o que de melhor se faz pelo mundo.

Esse desenvolvimento deve-se também à curiosidade dos públicos a propósito de outros olhares e outras realidades? Claro. Mas não só o DocLisboa está a crescer como o próprio documentário português está a desenvolver-se e tem mostrado uma personalidade muito forte, que se faz notar no estrangeiro. Por exemplo, o filme "48", da Susana Sousa Dias, tem uma linguagem tão radical que venceu vários prémios no estrangeiro, especialmente o Cinéma du Réel, em Paris. Pessoas do júri ficaram espantadas pela coragem de fazer um filme com essa severidade visual e de conteúdo. Hoje fala-se pouco de temas políticos e quase não se utiliza a foto fixa como imagem cinematográfica, e

a associação dos dois em "48" faz com que seja profundamente filosófico e ao mesmo tempo radical na linguagem que propõe como solução à reflexão que se deve ter perante um assunto como o escolhido. Ganhou por isso a sua singularidade. E é muito interessante que venha, justamente, de Portugal.

A que se deve tal desenvolvimento? Será um efeito colateral da ausência do documentário na televisão? Talvez tal autorize essa radicalidade. Porque a TV alheia-se do documentário, mas ainda não teve o ensejo de impor certas regras que banalizam o olhar sobre os fenómenos abordados. É o risco que corremos e contra o qual só há uma solução: a existência de festivais.

Estes são alternativa de olhar contra a uniformização a que a TV vem obrigando, como o formato dos 50 minutos? Há essa questão da duração, mas, hoje, uma das regras-mais gravosas é a dos 'cinco primeiros minutos'. Com a imensa oferta, os cinco primeiros minutos têm de conter a promessa de que vão acontecer muito mais coisas. Nesses minutos iniciais, ficamos logo a saber do que se trata, onde é que se está e como se vai tratar o assunto. Faz parte das premissas atuais do documentário: uma narração que descreve imediatamente o que se vai ver, por não haver confiança que o espectador entenda o que lhe propõem se não lhe facilitarem a tarefa. Por isso os filmes se parecem tanto, com vozes que vêm do além e que têm como função pegar o espectador pela mão, pelos olhos, pelo corpo, com receio que mude de canal. Desta feita, mesmo para assuntos diversos, todos os documentários se parecerão, ainda que o realizador seja diferente.

Há ainda o embate entre a noção de documentário e a de reportagem. Essa eterna confusão! É uma polémica que não teremos



Reportagem: António Guerreiro // Ilustração: Expresso/empresari

tempo de aprofundar aqui. A reportagem capta mais a atenção do espectador do que uma história contada com um ponto de vista, uma linguagem cinematográfica, cujo desenvolvimento apresenta uma dramaturgia — com princípio, meio e fim — e que normalmente não se sabe no início como vai acabar.

As boas regras da ficção... Um bom documentário é capaz de abordar essas regras para contar uma história e também informar, distrair, comover e dar uma perspectiva do que eu chamaria 'o invisível'. Em cada obra, em algum momento, existe algo invisível que talvez devêssemos descortinar, descobrir ao pormenor. A televisão, com os seus métodos, não dá tempo para nos confrontarmos com esse invisível, ao contrário do 'tempo do documentário', que nos pode sensibilizar, porque deu a ver uma coisa que desvendámos e nos tocou. É o 'ponto de vista do realizador', que transformou um aspeto oculto de uma problemática em algo surpreendentemente presente, desdobrando esse invisível para nosso prazer.

Essa tendência dos programadores de TV não denuncia falta de visão, ao furtarem-se a obras que poderiam formar novos espectadores, quando enfrentam os desafios de tecnologias inovadoras? O problema da televisão, hoje, é o da concorrência entre canais. Tudo é contabilizado em função do número de telespectadores. Mesmo a televisão francesa, que retirou a publicidade a partir das 20 horas, não deixou de preocupar-se em primeiro lugar com as audiências. Como está provado que os programas que têm mais público são os que usam o comentário omnipresente, explicando de forma gritante o que todos estão obviamente a ver, ou o que vai acontecer a seguir, é difícil fugir à tendência de passar incessantemente esse formato.

ANNA GLOGOWSKI,
A NOVA DIRETORA
DO DOCLISBOA, FESTIVAL
INTERNACIONAL
DO CINEMA DOCUMENTAL
DE LISBOA

Há canais em que a norma não é essa. São aqueles em que existe a noção de risco como filosofia de programação. São cada vez menos. Trabalhei no Canal Plus, privado e por assinaturas: o lema era a primazia e a diferença. Só há uma coisa que resume estas duas noções: o risco. E ele fazia parte do que lá aprendíamos. Foi uma linda experiência de desbravamento do território televisivo.

Não caberia à televisão pública ensaiar uma reviravolta neste estado de coisas? Com tantos canais (satélite, cabo...), a oferta é tão grande que a luta por audiências começa no primeiro minuto do documentário. Mesmo financiados pelo Estado, não podem estar sempre a dizer: "Nós fizemos, arriscámos, mas ninguém viu." O problema é esse equilíbrio entre quem vê ou não vê, o público que adere, e não se é um bom filme. Esse é o nosso desafio.

Que balanço se pode fazer, então, da ação de canais como o Plus ou o ARTE, que apostaram na alternativa aos objetos televisivos tornados banalidade? O ARTE é um canal importantíssimo, sem o qual muita coisa não existiria atualmente a nível da produção europeia de documentário. Está ligado a obras que vão ficar na história. Mas a verdade é que os números de espectadores são baixos. Quando têm 6% é um recorde.

Esses canais fazem serviço público, são mesmo a sua vanguarda. Todavia, insisto nas responsabilidades da televisão pública neste campo. Mas vejamos o que se passa em França, onde o serviço público quer aglutinar os seus três canais com o objetivo de ganhar 30% dos espectadores e se constata que um privado ao programar uma série americana recolhe logo 35%! A sorte que a França teve com o acordo franco-alemão no ARTE foi a reivindicação que fosse uma televisão cultural, com responsabilidades



na criação. Mas, ao contrário do que se passa em Portugal, o serviço público francês é responsável por 60% da produção nacional, juntando ficção e documentário. Apesar de tudo...

O documentário poderá vir a impor a sua maneira de olhar o mundo? Depende da vontade política dos dirigentes. Jérôme Clément, que presidiu muitos anos ao ARTE, disse que “a televisão e os documentários servem não só para entendermos o mundo mas também eventualmente para mudá-lo, caso necessário”. É uma boa definição, para o documentário e para a televisão. A TV ainda pode trazer-nos o conhecimento, o entendimento das coisas, a descodificação da realidade que permita aos espectadores modificarem eventualmente a visão que têm dela. É um combate a travar. **Que, a travar-se, terá fases distintas nos diversos países, que, aliás, não parecem deixar-se influenciar muito uns pelos outros.** Comparando a França e Portugal, aqui raras vezes há espaço para documentários de autor, apenas há para obras sobre a descoberta do mundo, animais, paisagens... Apesar do que disse, num país como a França, há oportunidades. Na France 5, que é um canal público mais ou menos educativo, há 700 horas de documentários por ano. E na France 3 há umas 300 horas e na 2 um pouco menos. O ARTE programa o mesmo que a France 5. É uma luta contínua para manter esses espaços de programação para pontos de vista singulares. E cada vez mais esta palavra é singular de mais para que seja acolhida numa grelha de TV.

Como poderemos formar novos públicos, mais intervenientes? Desenvolvendo festivais como o DocLisboa. E produzindo documentários com enredo dramaturgico, não artificial mas que apresente melhor as histórias e as personagens, para o público ter vontade de saber o desenvolvimento, como quando vê uma ficção. **A**

Ineves@expresso.lmpresa.pt